

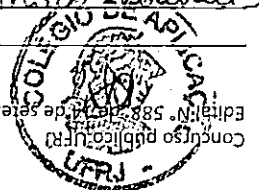
Questões 1.

"Com pedacos de mim eu monto um ser eterno" Manoel de Barros. Esse ^{poema} aponta para um incômodo sentido pelo humano contemporâneo. Uma insegurança generalizada ligada à busca de uma identidade estável e fixa. Annam Kötter questiona nos introduzindo a uma reflexão sobre a identidade fragmentada, para tanto Kötter pergunta se ainda é possível falar de uma identidade única uma única essência do eu. Stuart Hall questiona em seu livro "A Identidade Cultural no Pós-modernismo" o tanto para a dificuldade de se definir o conceito de identidade do humano pós-moderno, que surge com o globalizado: "O sujeito precisamente referido como tendo uma identidade única, estável até se tornando fragmentado composto não só de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias em nós mesmos. O processo de identificação através do qual projetamos nossa identidade (muitas vezes contraditórias em) culturais, torna-se problemático e variável. Esse processo produz o sujeito pós-moderno conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel transformada continuamente em relação ao termo pelo qual somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas no real de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas".

Vivemos em uma sociedade midiática dominada por imagens coloridas, a arte e as encenas de suas relações de alguma forma destroem as automaticas percepções? Logo a arte que por tanto tempo esteve ligada a uma funcionalidade? Nós é possível

iniciar uma reflexão sem referência a filósofo Vilém Flusser, a qual denomina o estado atual de "pós-histórico", pois ele a escrita é constituída não por textos, mas por imagens. Características da cultura de nosso tempo: imagens de TV, de vídeos, de cinema. enfim imagens tecnológicas. Flusser acredita que o modo de raciocínio e o modo de escrita alfabética predominantemente linear e linear tomou-se hegemônica com o advento da prensa tipográfica e com a disseminação da alfabética. Para ele o advento da escrita alfabética (predominantemente formal e linear) trouxe consigo o "fim" da história e do pensamento linear e o início de um pensamento predominantemente imagético. (...) e que deve constar, os conteúdos e as relações da consciência histórica. A experiência temporal que é entendida juntamente com os conteúdos da história, ou seja, como algo irreversível, progressivo, dramático deixa de existir para o mais, para o futuro, para quem os códigos de superfície evoluem, para quem as imagens substituem os textos alfabéticos. A decadência e o fim do alfabeto significam o fim da história no sentido estrito da palavra. A arte vai além da comunicação e se apresenta como experiência artística completa. E quando ela se ocupa da criação para a proposição de ideias contribui para a quebra do código hegemônico. A saber a contribuição essencial do feminismo para a arte contemporânea cuja investigação o cerne de arte e vida e vida e arte, arte contribuiu para um entendimento do lugar que a mulher ocupa ou deveria ocupar na arte. A exemplo da coletiva Guerrilha Circo que não apenas questiona se a mulher tem que entrar num museu. Historicamente o lugar artístico feminino foi subalternado (e) mesmo, excluído até em escolas modernas como a Bauhaus a qual se polêmica por ser favorável ao ingresso de mulheres as paralisar de estudar arquitetura para o Gropius.

pois acreditava que as mulheres não conseguiram sair
 tridimensionalmente. Um exemplo de indivíduos (outras) femininas
 através de investigações artísticas foi de Niki Saint Phalle, que
 após uma crise de nervos se recuperou com a ideia de se tornar
 uma artista. Ela, que havia aprendido pelo seu pai nos meses antes
 transcrever suas ideias utilizando um método de obter em
 seqüências de tinta sobre uma superfície deixando ela a tinta
 enfiar. Ela fez ~~essa~~ happening a qual atraiu um bom
 público, fazendo com que por toda Europa e Estados Unidos.
 Uma segunda fase superou o momento de crise o artista
 criou os Homens que deram esculturas voluptuosas que repre-
 sentavam a natureza feminina. A Niki vinha de uma famí-
 lia da burguesia Franco-Americana e tinha uma aparência
 agradável para o padrão de sua época tendo sido modelo e
 color de revistas, sua aparência poderia contribuir para mais
 fosse considerada séria, contudo a falta de sua intenção no seu
 processo contribuiu para o sucesso de sua luta contra o pa-
 triarcalismo (sexismo). Outras mulheres artistas merecem menção
 pois porque há muitas que contribuíram para essa causa com
 fundamentos do cordão feminino no arte. Entre elas Louisa Bor-
 neau, Shirin Neshat (que escreve em seu corpo uma história
 de discriminação de mulher no Irã), Ana Mendieta (1960/1990
 Cuba) - percursora de uma obra em que o corpo é utilizado
 se tornando o grande centro de um debate sobre a vida
 e transcendência, Hannah Wilke - iniciou suas ideias criando
 noções de consenso enquanto realizava performances, usando
 o seu próprio linfoma para questionar até a sua morte padrões
 de beleza, Jenny Saville que fez retratos hiper realistas de
 mulheres no momento de cirurgia plástica entre outras.
 No Brasil temos os trabalhos de Francisca Pinheiro, Marcela
 Tiboni, Raissa Vitral do coletivo cante que fez uma performan-
 ce no qual cantava suas noções, além de nomes mais conhecidos



Como Adriana Varejão e Anselmo Duarte em suas últimas
fazem um trabalho diferenciado no questionário etno-racial
a primeira além de retratar ^{retratar} como as outras etnias mas se
é de questões no qual faz autorretratos como Herizone, negra,
indica o colerionom um conjunto de tintas cor de pele e de
nomes encontrados na linguagem coloquial como "cor de brasa
quando faz" questionando os diferentes e limites misturas de
tintas de pele encontrados no Brasil. A segunda trata em seu
trabalho mais conhecida "Humano" do multicolorismo, o
mas questões de serem equacionadas em somente quatro tipos de
cores a preto para afrodescendentes, amarelo para asiáticos,
o vermelho para indígenas e o Branco para europeus. Ele con-
com o trabalho pessoas, tem uma amostra de cor de ponta
do nariz delas e relaciona com o verde pontone procurando
a sua numerar o resultado as infinitas tonalidades e mistu-
ras de cor de pele mudando a forma que encontramos não mes-
mos. Roberto Conduru em seu livro "Arte - o dia brasileiro"
aponta para a arte afrodescendente realizada no Brasil não só
por artistas negros (credito que essa posição esteja sendo revisi-
ta por conta das discussões sobre protagonismo delatado pelos mo-
vimentos negros) ele traz exemplos de artistas que fazem a
referência a cultura afro-brasileira como o coletivo Afro Frente
3 e intervenções urbanas como Zumbi nome não, há estes os
negros? Brasil Negro Sobre, do Curiel de André Machado
- logo Afriano, Alexandre Wagner (Brasil) figura de destaque
interessante no carnaval do Rio de Janeiro que dialoga com sim-
bolias das religiões afro-entre outros artistas importantes como
Mestre Dieli Reitor dos Passos, Ruben Dillerin cujas obras
vem conversando de sentidos e realizações do cultura de negras
raízes africanas da diáspora.

2º Questões.

Acredito que tenha decorrido nas primeiras questões inodando o tópico da 2ª. Para que não seja repetitivo pelo a consideração a página 4 também como uma introdução da questão 2. Cabe porém citar o importante obra A Mús Alas 'Brasil' Brasileira de Emmanuel Luis Thomaz que diferentemente o Roberto Condura tem em seu livro uma compilação de artistas afro descendentes contribuindo para a visibilidade do artista negro no Brasil. Atento para o fato que por vezes me surpreendi ao debruçar sobre o artista como o desconhecido, fato que corrobora para importância de tal visibilidade. Seja no fortalecimento de uma identidade cultural dentro dos processos artísticos como também de recuperação, algo fundamental no ensino de arte onde (o-fo) e representabilidade de uma miligramas no cotidiano do sujeito dentro de uma realidade, como o nosso. A exemplo do recente filme Pantura Negra onde os heróis e tra- me são africanos provocando um debate inter-racial acalorado não só um debate, mas o debruçar do incômodo de sermos conhecidos por nossos preconceitos. É impossível pensar o arte contemporânea sem um experimento com o receptor já que ele atua (como) muitas vezes como um contraponto para o código hegemônico. Para Hans Ritz Kell o critério de inclusão é o consumo ou identificação com imagens de consumo. Mas sociedades de espetáculo só velem os sentimentos que fomentam às imagens adequadas ao discurso midiático. Mas Afecção que se anubilizam o ser em sua completude possibilitando a criação de sentidos através das metáforas procedendo assim de forma alusiva no produção de novas políticas de memória trabalhando sobretudo de forma intercultural onde haja espaço para todas as minorias, não se trata de uma ~~superdiversidade~~.

Jorge Coli atento para o fato que o Brasileiro tem muita difi.



culdade de se ver de se reconhecer glé uma espécie de enreca-
mento do olhar sobre si próprio como um olhar intencional.
Lisso está fundado no século XIX onde é essa dificuldade remon-
ta dos tempos coloniais dos quais só temos registros pleneiros
através do olhar de artistas como Eckhout, Huzendaes e Delret
entre outros. Celi afirma de forma irônica que o Brasil do
século XIX tinha a fantasia de ser descendente dos portugueses
primeiros do Brasil (depois dos criminosos que eram condenados
do exílio) com os índios aqui encontrados, embora nos seus
olhos a essa fantasia cercada de meias ou quase não conse-
quiu chegar. Essa fantasia funda o aparecimento de novas
percepções que o país é de meias meias, é isso é identificado
em nossa história do arte que além de alguns ouijos longos
meios que o Albigando parece introduzir em alguma igre-
ja o primeiro retrato de um negro homem em nossa história
do arte só veio a ser pintado praticamente na segunda me-
tade do século XIX (Retrato de um pensador negro que heiri-
camente solou visto em um reflexo) essa dificuldade demun-
ta a quase não de identidade deturpada ^{olheira} que temos enrega-
do em nossa "cultura".



O Brasil é uma nação fundada no genocídio contínuo dos povos originários. Continuo porque é algo que se trata de uma presença remota mas de um presente ético. Vergonhosa nação que temo de cultura, por lembrar do filme de Jean Luc Godard no filme Les Hépius: "Quanto mais a balança cultural sob o meu revólver" a extrema valorização de cultura ocidental em detrimento a dos povos originários assim como dos afro-descendentes, traduz-se em um apocripamento histórico (e no desenvolvimento) que empobrece. O índio representado no exata é o omissão os conteúdos de arte indígena nos livros de forma generalizadas sem respeitar a origem e nomenclatura das etnias salvo algumas exceções o exemplo de "Clóvis Peleto II" que expressamente grante em seu ^{personagem principal} ~~personagem~~ do ensino fundamental que se nomeie a etnia dos trabalhos apresentados no contextualizados. Esse cuidado aponta para uma política de "reserva de dança" culturais que sem sendo intencionalmente postas no Brasil desde o sua fundação. A domesticação do bom selvagem, ou o descobrimento que os povos indígenas estão também em crise identitária, procurando se encontrar dentro desse mundo globalizado. A exemplo das tribos indígenas do Nordeste as quais não possuem a características dos índios amazônicos mas facilmente identificável, pois em sua maioria vem de um processo de etnocídio no qual há uma resgate de sua cultura muitas vezes perdida de sua existência é o caso do Tribo Xoré em que o antropólogo pesquisador Bastião Cláudio Dantas escreveu em seu livro "Xoré" que os ritos que diferenciavam a origem de sua identidade indígena foram as cerimônias e os cantos de colheita de arroz. A pior violência que se pode cometer a um povo é o privilégio de esquecer sua cultura, o que nos faz reinvindicar um erro que pois se ter experiência através de viagens que nos deixem para longe (o que também poder ser longe) pois Xingú para aprender sobre a



a cultura indígena. Muitas vezes os trabalhos estão mais perto de nós, dos centros urbanos quando nos deparamos com centros urbanos e que a invisibilidade indígena é também que o respeito do exemplo citado no questionário anterior não conseguimos nos encorajar. A formação de professores deve ser dada também nas bases de convivência com os povos. Vídeos, bibliografias são importantes mas o confronto e) confronto ou melhor o encontro direto com a cultura é primordial para uma visão mais realista (deveres) da existência desses povos. Nesse sentido práticas com investigações de realidades trazidas pelos alunos sobre um possível descendente em tio, um avô que vem a escola contar a história de sua empresa, ou sua própria trajetória e desatividades dos símbolos e grafismos utilizados por alguns etnias (cada etnia tem códigos próprios que variam de acordo com cada região) e ~~o~~ respeito e um debate ético os utilizam essas coisas - no mundo, como danças e pinturas corporais faz uma diferença enorme do entendimento desses povos ao mesmo tempo tão perto e tão distantes de nossas percepções. Ao Heli Barbosa afirma que o ensino de arte se dá na mediação das relações dos processos artísticos mas se fazem artísticas no ensino (não é uma resposta) mas se reconhece, se prepara o aluno para uma melhor relação com a arte pois o seu entendimento.